v7.n12.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

IMPACTOS DA PERDA DE AUTONOMIA NA AUTOESTIMA DE MULHERES IDOSAS DEPENDENTES: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS

IMPACTS OF LOSS OF AUTONOMY ON THE SELF-ESTEEM OF DEPENDENT OLDER WOMEN: POSSIBILITIES FOR PSYCHOLOGICAL INTERVENTIONS

IMPACTOS DE LA PÉRDIDA DE AUTONOMÍA EN LA AUTOESTIMA DE MUJERES MAYORES EN SITUACIÓN DE DEPENDENCIA: POSIBILIDADES DE INTERVENCIÓN PSICOLÓGICA

Isis Lorena Pereira Ribeiro[1], Graciely Guimarães da Silva[1], Karla Bianca Lima da Costa[2]

https://doi.org/10.47820/recima21.v7i12.9668

PUBLICADO: 12/2026

RESUMO

O envelhecimento feminino ocorre em contextos marcados por desigualdades de gênero e por diferentes condições socioeconômicas. Quando há dependência funcional, a necessidade de apoio pode alterar a organização do cotidiano, as relações sociais e a percepção que a mulher idosa tem de si. Este estudo teve como objetivo analisar as repercussões psicossociais da perda de autonomia na autoestima de mulheres idosas dependentes e discutir possibilidades de intervenção psicológica. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, com buscas em bases e portais acadêmicos e inclusão de publicações pertinentes ao tema, sobretudo entre 2018 e 2026. A bibliografia final reúne 13 fontes, entre artigos científicos, livros e documentos institucionais. A síntese foi organizada em quatro eixos: envelhecimento feminino e construção social da velhice; vulnerabilidade e idadismo; autoestima e dependência; e intervenções psicossociais. Os estudos consultados sugerem que a perda de autonomia pode estar associada a sentimentos de insegurança, solidão e desvalorização, sobretudo quando acompanhada de atitudes infantilizadoras e de redes de apoio insuficientes. Também apontam a relevância de práticas que preservem a participação da pessoa idosa nas decisões e valorizem suas experiências. Conclui-se que a escuta qualificada, as atividades grupais e a articulação com redes de apoio constituem possibilidades de atuação, embora as evidências não permitam afirmar efeitos uniformes ou relações causais sobre a autoestima.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento feminino. Autoestima. Autonomia pessoal. Idadismo. Saúde mental.

ABSTRACT

Women's aging takes place in contexts shaped by gender inequalities and different socioeconomic conditions. When functional dependency occurs, the need for support may affect daily routines, social relationships, and older women's self-perception. This study aimed to analyze the psychosocial implications of loss of autonomy for the self-esteem of dependent older women and to discuss possibilities for psychological intervention. This is a qualitative, descriptive, and exploratory study based on a narrative literature review. Searches were conducted in academic databases and portals, and relevant publications, especially those published between 2018 and 2026, were considered.

[1] Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro (CEUNI FAMETRO).
[2] Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP); pós-graduada em Psicanálise e Psicologia Sexual; docente na instituição CEUNI Fametro. Atua na Psicologia Clínica, com abordagem psicanalítica e foco em sexualidade humana.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

The final reference list comprises 13 sources, including scientific articles, books, and institutional documents. The synthesis was organized into four topics: women's aging and the social construction of old age; vulnerability and ageism; self-esteem and dependency; and psychosocial interventions. The literature suggests that loss of autonomy may be associated with insecurity, loneliness, and feelings of devaluation, particularly when accompanied by infantilizing attitudes and insufficient support networks. The reviewed studies also highlight the importance of practices that preserve older people's participation in decisions and recognize their life experiences. Qualified listening, group activities, and coordination with support networks are possible areas of psychological practice. However, the available evidence does not support claims of uniform effects or causal relationships between these interventions and self-esteem.

KEYWORDS: *Women's aging. Self-esteem. Personal autonomy. Ageism. Mental health.*

RESUMEN
El envejecimiento femenino ocurre en contextos marcados por desigualdades de género y por diferentes condiciones socioeconómicas. Cuando existe dependencia funcional, la necesidad de apoyo puede afectar la organización de la vida cotidiana, las relaciones sociales y la percepción que la mujer mayor tiene de sí misma. Este estudio tuvo como objetivo analizar las repercusiones psicosociales de la pérdida de autonomía en la autoestima de las mujeres mayores dependientes y discutir posibilidades de intervención psicológica. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria, desarrollada mediante una revisión narrativa de la literatura. Se realizaron búsquedas en bases de datos y portales académicos y se consideraron publicaciones pertinentes al tema, principalmente las editadas entre 2018 y 2026. La bibliografía final reúne 13 fuentes, entre artículos científicos, libros y documentos institucionales. La síntesis se organizó en cuatro ejes: envejecimiento femenino y construcción social de la vejez; vulnerabilidad y edadismo; autoestima y dependencia; e intervenciones psicosociales. Los estudios consultados sugieren que la pérdida de autonomía puede estar asociada con sentimientos de inseguridad, soledad y desvalorización, especialmente cuando se acompaña de actitudes infantilizadoras y redes de apoyo insuficientes. También señalan la importancia de prácticas que preserven la participación de las personas mayores en las decisiones y valoren sus experiencias. La escucha cualificada, las actividades grupales y la articulación con redes de apoyo constituyen posibilidades de actuación, aunque la evidencia disponible no permite afirmar efectos uniformes ni relaciones causales sobre la autoestima.

PALABRAS CLAVE: *Envejecimiento femenino. Autoestima. Autonomía personal. Edadismo. Salud mental.*

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional amplia a necessidade de compreender as condições de vida e de saúde das pessoas idosas para além dos aspectos biológicos. A experiência de envelhecer é atravessada por fatores sociais, econômicos e culturais e, no caso das mulheres, também por expectativas de gênero relacionadas ao cuidado, à aparência e à disponibilidade para atender às necessidades de outras pessoas (ZANELLO, 2018; FIGUEIRA *et al.*, 2024). Esses fatores não determinam uma experiência única, mas ajudam a compreender diferenças nas formas de vivenciar a velhice.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Quando a capacidade funcional diminui, atividades cotidianas podem passar a exigir apoio de familiares, cuidadores ou serviços. Essa mudança não implica, por si só, perda de capacidade para decidir sobre a própria vida. Entretanto, o idadismo e práticas de cuidado que desconsideram a vontade da pessoa idosa podem restringir sua participação e sua autonomia (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021; MINAYO, 2019). Diante desse cenário, formula-se a seguinte questão: de que modo a restrição da autonomia repercute na autoestima de mulheres idosas em situação de dependência e como a Psicologia pode contribuir para preservar sua subjetividade e participação social?

O objetivo geral consiste em analisar as repercussões psicossociais da perda de autonomia na autoestima de mulheres idosas dependentes e discutir possibilidades de intervenção psicológica. Como objetivos específicos, busca-se: identificar vulnerabilidades sociais e barreiras atitudinais relacionadas à dependência; examinar possíveis repercussões subjetivas da restrição da autonomia e sua relação com a autoestima; e discutir estratégias psicológicas e psicossociais que favoreçam a participação, o reconhecimento da trajetória de vida e o acesso a redes de apoio. A relevância do estudo está na necessidade de discutir o envelhecimento feminino a partir de uma perspectiva psicossocial, sem reduzir a pessoa idosa à sua condição funcional.

Para responder à questão proposta, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo e exploratório. Foram consultadas bases e portais acadêmicos, com prioridade para publicações pertinentes ao tema e para estudos publicados entre 2018 e 2026. A análise foi organizada em eixos temáticos relativos à construção social da velhice, ao idadismo, à autoestima e às possibilidades de intervenção. Por se tratar de revisão narrativa, os resultados são interpretativos e não permitem estimar a eficácia de intervenções nem estabelecer relações causais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O envelhecimento feminino e a construção social da velhice

O envelhecimento deve ser compreendido como um processo que envolve dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. As representações sociais da velhice influenciam a maneira como as pessoas idosas são tratadas e como participam da vida comunitária. A Organização Mundial da Saúde (2021) descreve o idadismo como um fenômeno que envolve estereótipos, preconceitos e discriminação relacionados à idade, com efeitos sobre oportunidades, relações e bem-estar.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A experiência feminina do envelhecimento também é atravessada por expectativas de gênero. Zanello (2018) discute como normas culturais associam a subjetividade das mulheres ao cuidado, à disponibilidade afetiva e a determinados padrões de aparência. Tais expectativas podem influenciar a forma como algumas mulheres avaliam a si mesmas quando envelhecem ou precisam receber ajuda. Essa interpretação, contudo, não deve ser generalizada para todas as mulheres, cujas trajetórias são diversas e marcadas por condições sociais distintas.

A relação entre corpo, aparência e autoestima foi investigada por Figueira *et al.* (2024) em estudo qualitativo com 28 pessoas idosas atendidas em Centros de Referência de Assistência Social, das quais 25 eram mulheres. Os resultados foram organizados em temas que incluíram a relação entre autoestima e autoimagem, sentimentos associados à aparência e aspectos que ultrapassam a dimensão estética. O estudo permite observar que a autoestima na velhice envolve diferentes dimensões da experiência e não se limita à aparência física.

As experiências de convivência também podem oferecer espaços de expressão e reconhecimento. Em pesquisa qualitativa com 28 mulheres idosas, Scortegagna *et al.* (2019) identificaram que o compartilhamento de vivências em grupo foi associado pelas participantes ao cuidado de si, à valorização das relações e a novas possibilidades de enfrentamento. Esses achados reforçam a importância de considerar as redes sociais e os espaços coletivos na compreensão do envelhecimento feminino.

2.2. Vulnerabilidade e barreiras atitudinais no contexto da dependência

A dependência funcional não deve ser analisada exclusivamente como consequência de alterações orgânicas. As condições ambientais, as relações sociais e a disponibilidade de apoio influenciam as possibilidades de participação e autonomia. O Relatório Mundial sobre o Idadismo destaca que estereótipos e práticas discriminatórias podem restringir oportunidades e reforçar a exclusão das pessoas idosas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021).

Minayo (2019) ressalta que o cuidado à pessoa idosa dependente exige instrumentos capazes de responder às necessidades físicas, cognitivas, emocionais e sociais, além de envolver o Estado, as famílias, os serviços e a própria pessoa idosa. A assistência que se concentra apenas na execução de tarefas ou no manejo de condições clínicas corre o risco de deixar em segundo plano a escuta, as preferências e a participação da pessoa cuidada.

Em estudo qualitativo multicêntrico realizado com 47 pessoas idosas com dependência, Sousa *et al.* (2025) identificaram relatos de sintomas de depressão e ansiedade, pensamentos de morte, solidão e sensação de ser um fardo. Os autores também identificaram recursos associados ao bem-estar, como relações interpessoais, socialização, espiritualidade e religiosidade. Como a pesquisa não se restringiu a mulheres, seus resultados contribuem para

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

contextualizar a dependência na velhice, mas não devem ser interpretados como achados exclusivos sobre mulheres idosas.

A revisão integrativa de Nepomuceno *et al.* (2025), que reuniu 30 estudos, identificou o apoio social, ambientes seguros e acessíveis, condições socioeconômicas favoráveis e participação social entre os fatores relacionados à preservação da autonomia. Em sentido oposto, isolamento e barreiras físicas foram associados a maior risco de dependência. Esses achados indicam que a autonomia resulta da interação entre condições individuais e contextos sociais e ambientais.

2.3. Autoestima e subjetividade na transição para a dependência

A autoestima na velhice relaciona-se a múltiplas dimensões da qualidade de vida. Em estudo transversal com 519 pessoas idosas, Souza Júnior *et al.* (2022) identificaram associação estatisticamente significativa entre autoestima e diferentes facetas da qualidade de vida, incluindo autonomia e participação social. Por se tratar de estudo transversal, os resultados indicam associação, mas não permitem afirmar que a alteração de uma dessas dimensões cause diretamente mudanças na outra.

A necessidade de receber ajuda para atividades cotidianas pode modificar a percepção de independência e a organização das relações familiares. Em pessoas idosas dependentes, os relatos de solidão e de sentimento de ser um fardo identificados por Sousa *et al.* (2025) mostram como a experiência da dependência pode envolver sofrimento emocional. Esses relatos, entretanto, devem ser compreendidos em relação às condições de cuidado, à rede de apoio e às circunstâncias de vida de cada pessoa.

A pesquisa de Figueira *et al.* (2024) também indica que a autoestima pode estar relacionada à autoimagem, à aparência e a fatores que não se restringem à estética. Considerando a presença majoritária de mulheres na amostra, o estudo contribui para a discussão sobre o envelhecimento feminino, embora não tenha investigado especificamente mulheres em situação de dependência funcional.

Assim, a literatura consultada sugere que a restrição da autonomia pode repercutir na autoestima, mas não determina uma experiência subjetiva uniforme. A forma como a mulher idosa vivencia essa transição pode variar conforme sua história, as relações que mantém, as condições materiais, a acessibilidade dos ambientes e as oportunidades de participar das decisões. O reconhecimento dessas diferenças é importante para evitar que a dependência seja confundida com incapacidade global ou ausência de desejos e projetos.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

2.4. Possibilidades de intervenção psicológica e sofrimento ético-político

A atuação psicológica com pessoas idosas em situação de dependência pode contribuir para a expressão de sentimentos, a elaboração de mudanças no cotidiano e a preservação da participação nas decisões. A escuta qualificada deve considerar a história de vida, as preferências e os recursos disponíveis, sem pressupor que a limitação funcional elimine a capacidade de escolha. Essa orientação é compatível com a defesa de um cuidado integral e compartilhado apresentada por Minayo (2019).

A noção de sofrimento ético-político, discutida por Sawaia (2017), permite considerar que o sofrimento não se restringe à dimensão individual, pois também pode estar relacionado à desigualdade, à exclusão e à negação de direitos. Aplicada ao envelhecimento, essa perspectiva contribui para analisar situações em que a pessoa idosa é desconsiderada nas decisões que afetam sua rotina ou tem sua participação social limitada por barreiras atitudinais e ambientais.

As intervenções grupais constituem uma possibilidade de atuação quando são acessíveis e adequadas às condições das participantes. Scortegagna *et al.* (2019), em estudo com mulheres idosas, descreveram a importância atribuída ao compartilhamento de experiências, à escuta e à expressão em grupo. Os resultados apontam contribuições percebidas pelas participantes para o cuidado de si e para o enfrentamento de desafios, sem demonstrar que a mesma estratégia produza efeitos idênticos em todos os contextos.

Massi *et al.* (2019) investigaram práticas dialógicas desenvolvidas em encontros semanais com pessoas idosas e relataram contribuições para a participação social, a autonomia e a autoestima. Em conjunto, esses estudos sustentam a pertinência de ações que valorizem a comunicação, as histórias de vida e a convivência. A escolha das estratégias deve considerar o consentimento, as condições de acessibilidade, os interesses das mulheres e a articulação com familiares e serviços, quando pertinente.

3. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, realizada por meio de revisão narrativa da literatura. Esse tipo de revisão permite reunir e discutir contribuições teóricas e resultados de pesquisas relacionadas a um tema, favorecendo uma síntese interpretativa, sem a pretensão de esgotar toda a produção disponível ou seguir necessariamente o protocolo de uma revisão sistemática (GIL, 2022; SEVERINO, 2017).

O levantamento bibliográfico considerou PubMed/MEDLINE, Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-Psi), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), SciELO, PePSIC, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES. Foram

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

utilizados descritores e termos livres relacionados a “envelhecimento feminino”, “psicologia social”, “autonomia”, “autoestima” e “pessoa idosa dependente”, em português, inglês e espanhol, isoladamente e em diferentes combinações. O recorte priorizou publicações de 2018 a 2026. Livros de fundamentação teórica e metodológica e documentos normativos foram considerados também quando necessários à discussão conceitual ou ética.

Foram considerados artigos científicos, revisões de literatura, livros e documentos institucionais que abordassem pelo menos um dos seguintes temas: envelhecimento feminino, dependência funcional, autonomia, autoestima, idadismo, saúde mental ou intervenções psicossociais com pessoas idosas. Foram excluídos resumos de anais, textos opinativos, matérias jornalísticas e trabalhos acadêmicos sem publicação em formato de artigo, além de materiais sem acesso ao texto integral. O enfoque foi direcionado às mulheres idosas; contudo, estudos com pessoas idosas de ambos os sexos foram incluídos quando seus resultados contribuíam para compreender autonomia, autoestima ou saúde mental na dependência. Essa opção amplia o contexto de discussão, mas limita a especificidade das conclusões sobre mulheres.

A bibliografia utilizada na síntese final reúne 13 fontes: sete artigos científicos, quatro livros e dois documentos institucionais ou normativos. Esse quantitativo corresponde às referências efetivamente citadas no texto. Não foram registrados o número inicial de resultados recuperados, as duplicatas nem a quantidade de textos excluídos em cada etapa; por isso, não é possível reconstruir uma contagem completa do processo de triagem. Essa ausência de registro quantitativo é reconhecida como limitação da revisão narrativa.

As fontes foram lidas e organizadas em quatro eixos temáticos: (1) envelhecimento feminino e construção social da velhice; (2) vulnerabilidade, dependência e idadismo; (3) autoestima e repercussões subjetivas da perda de autonomia; e (4) possibilidades de intervenção psicológica e psicossocial. A análise consistiu em síntese narrativa e comparação interpretativa de convergências, diferenças e limites dos achados, articulando-os ao referencial teórico. Não foi realizada metanálise nem avaliação padronizada do risco de viés dos estudos.

Por utilizar exclusivamente fontes bibliográficas e documentais, sem recrutamento de participantes ou coleta de dados pessoais, a pesquisa não envolveu procedimentos empíricos com seres humanos. Foram observados os princípios de integridade acadêmica, atribuição de autoria e respeito aos direitos autorais, considerando-se a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde no que couber às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A vivência da dependência e as repercussões na autoestima

A literatura consultada indica que a dependência funcional pode envolver mudanças na rotina, nas relações e na percepção que a pessoa idosa tem de si. No estudo multicêntrico de Sousa *et al.* (2025), realizado com 47 pessoas idosas dependentes em diferentes cidades brasileiras, foram relatados sentimentos de solidão, sensação de ser um fardo e sintomas de depressão e ansiedade. Esses resultados mostram a relevância da dimensão emocional do cuidado, mas não autorizam afirmar que todas as mulheres dependentes vivenciem os mesmos sentimentos.

A relação entre autoestima e autonomia também aparece em estudos com populações idosas mais amplas. Souza Júnior *et al.* (2022), em pesquisa transversal com 519 participantes, encontraram associação entre autoestima e facetas da qualidade de vida, incluindo autonomia e participação social. Como os dados foram coletados em um único momento, não é possível determinar direção causal. Ainda assim, os achados reforçam a importância de considerar a autonomia e a participação como dimensões relacionadas ao bem-estar.

No campo do envelhecimento feminino, Figueira *et al.* (2024) identificaram temas relativos à autoimagem, à autoestima e aos sentimentos associados à aparência em um grupo de pessoas idosas composto majoritariamente por mulheres. Em conjunto com a discussão de Minayo (2019), esses resultados apontam que o cuidado deve considerar preferências, história de vida e participação da pessoa idosa, além das necessidades funcionais. A dependência não deve ser tomada como justificativa para retirar da mulher o direito de expressar escolhas.

4.2. Gênero, idadismo e produção de vulnerabilidades

O idadismo pode se manifestar em estereótipos, preconceitos e práticas que restringem a participação das pessoas idosas. O Relatório Mundial sobre o Idadismo descreve como essas atitudes afetam o bem-estar e dificultam a construção de respostas sociais adequadas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021). No cotidiano do cuidado, a infantilização e a desconsideração das preferências podem funcionar como barreiras à autonomia, ainda que sejam apresentadas como formas de proteção.

As normas de gênero também integram esse contexto. Zanello (2018) discute a associação cultural entre feminilidade, cuidado e disponibilidade para outras pessoas. Quando essa expectativa é incorporada à autoavaliação, a necessidade de receber ajuda pode ser vivenciada com desconforto ou sensação de perda de valor. Essa interpretação deve ser tratada como uma possibilidade explicativa e não como característica universal das mulheres idosas. Os

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

achados de Figueira *et al.* (2024), ao evidenciarem a pluralidade de fatores relacionados à autoestima, reforçam a necessidade de evitar explicações únicas.

As condições sociais e ambientais influenciam as oportunidades de manutenção da autonomia. A revisão de Nepomuceno *et al.* (2025) identificou apoio social, acessibilidade e participação comunitária entre fatores protetivos, enquanto isolamento e barreiras físicas foram relacionados a maior risco de dependência. Minayo (2019) também destaca a necessidade de uma rede de proteção compartilhada entre serviços, Estado, famílias e pessoas idosas. Portanto, a vulnerabilidade não deve ser atribuída apenas às condições individuais: ela também se relaciona à qualidade e à disponibilidade das redes de apoio.

4.3. Intervenções psicossociais e possibilidades de atuação

Os estudos analisados apontam possibilidades de intervenção voltadas à convivência, à expressão e à participação. Scortegagna *et al.* (2019) descreveram, em um grupo de mulheres idosas, a valorização do compartilhamento de experiências e da escuta entre pares. A contribuição desse estudo está em mostrar sentidos atribuídos pelas participantes ao espaço grupal; não se trata de evidência de eficácia generalizável para todas as mulheres em situação de dependência.

Massi *et al.* (2019) identificaram contribuições de práticas dialógicas para a participação social, a autonomia e a autoestima de pessoas idosas. Em articulação com a perspectiva do sofrimento ético-político de Sawaia (2017), esses achados permitem discutir intervenções que não se limitem ao manejo de sintomas, mas também considerem as condições sociais que restringem a expressão e o exercício de direitos. A escuta individual, os grupos de convivência e as atividades de narrativa de vida podem ser considerados conforme as necessidades e possibilidades de cada contexto.

A implementação dessas práticas depende de condições institucionais, acessibilidade, formação das equipes e articulação entre saúde e assistência social. Minayo (2019) destaca a responsabilidade compartilhada na proteção da pessoa idosa dependente, e a Organização Mundial da Saúde (2021) recomenda respostas sociais e educativas para enfrentar o idadismo. Assim, a atuação psicológica pode contribuir para identificar barreiras, apoiar decisões compartilhadas e fortalecer redes de suporte, sem prometer resultados uniformes nem substituir políticas públicas e cuidados de saúde necessários.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão permitiu discutir possíveis repercussões psicossociais da perda de autonomia na autoestima de mulheres idosas em situação de dependência. Os estudos examinados

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

sugerem que mudanças na funcionalidade podem se relacionar a sentimentos de insegurança, solidão e desvalorização, especialmente quando coexistem com atitudes idadistas, redução da participação nas decisões e redes de apoio insuficientes. As experiências, entretanto, são heterogêneas e não podem ser explicadas exclusivamente pela condição funcional.

A discussão também destaca que expectativas de gênero relacionadas ao cuidado e à disponibilidade para outras pessoas podem influenciar a maneira como algumas mulheres vivenciam a necessidade de receber assistência (ZANELLO, 2018). Pesquisas sobre autoestima e qualidade de vida e estudos com pessoas idosas dependentes apontam associações entre autoestima, autonomia, participação social e sofrimento emocional (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2022; SOUSA *et al.*, 2025). Esses achados não demonstram uma relação causal direta, mas reforçam a importância de compreender a experiência da dependência em seu contexto social e biográfico.

Como possibilidades de atuação psicológica, destacam-se a escuta qualificada, o acolhimento individualizado, as práticas dialógicas e os grupos de convivência, desde que adaptados às condições, aos interesses e ao consentimento das participantes. Estudos com grupos de mulheres idosas e com práticas dialógicas sugerem contribuições para o cuidado de si, a participação e a autoestima (SCORTEGAGNA *et al.*, 2019; MASSI *et al.*, 2019). Tais estratégias devem ser compreendidas como possibilidades contextualizadas, e não como intervenções de eficácia comprovada para todos os casos.

Entre as limitações desta revisão estão seu caráter narrativo, a ausência de registro do número de resultados inicialmente recuperados e excluídos, a inexistência de avaliação padronizada da qualidade metodológica e a inclusão de estudos que não se restringem a mulheres idosas dependentes. Por isso, os resultados não permitem generalizações nem conclusões causais. Pesquisas futuras poderão examinar de forma específica as experiências de mulheres idosas com diferentes níveis de dependência e avaliar intervenções psicológicas em contextos de cuidado. A atuação profissional, por sua vez, deve articular atenção à subjetividade, respeito à autonomia possível e defesa de condições sociais que assegurem dignidade e participação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 13 nov. 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

FIGUEIRA, O. *et al.* Autoestima e estética na percepção de pessoas idosas de Centros de Referência de Assistência Social. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 27, e230193, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230193.pt.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MASSI, G. *et al.* Autonomia e velhice participativa: um trabalho dialógico. *Revista CEFAC*, v. 21, n. 6, e14219, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-0216/201921614219.

MINAYO, M. C. S. O imperativo de cuidar da pessoa idosa dependente. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 1, p. 247–252, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.29912018.

NEPOMUCENO, A. M. T. *et al.* Fatores sociais e autonomia de pessoas idosas: revisão integrativa das dimensões funcional e cognitiva. *Escola Anna Nery*, v. 29, e20250069, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2025-0069pt.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório mundial sobre o idadismo*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.paho.org/pt/documentos/relatorio-mundial-sobre-idadismo. Acesso em: 13 nov. 2026.

SAWAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SCORTEGAGNA, H. M. *et al.* Cuidado de si em um grupo de convivência de idosas. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 22, n. 1, e180164, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.180164.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUSA, G. S. *et al.* Pessoas idosas dependentes e sua saúde mental: estudo multicêntrico brasileiro. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 41, n. 5, e00142424, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311XPT142424.

SOUZA JÚNIOR, E. V. *et al.* A autoestima está associada à qualidade de vida da pessoa idosa? *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, supl. 4, e20210388, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0388.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.